

Notícia Bibliográfica e Histórica sente-se honrada em publicar, no presente número, os “elogios acadêmicos” proferidos nas reuniões-almoço da Academia Paulista de História: Julio Meili, Capistrano de Abreu, Frei Vicente do Salvador, Oliveira Lima, Serafim Leite, Pandiá Calógeras, Rafael Galanti e Barão do Rio Branco. Lamentamos duas omissões: a do Acadêmico Brasil Bandecchi, que, infelizmente, não escreveu a bela oração que proferiu sobre João Francisco Lisboa, e a do Acadêmico Emanuel Veiga Garcia, que não nos forneceu o texto de seu trabalho.

Desta forma, e com este número, **Notícia Bibliográfica**, cujo responsável se orgulha de ter sido um dos fundadores da Academia Paulista de História, e que, quando chegar a oportunidade, apresentará também o “elogio” de seu patrono, tributa modesta homenagem ao sodalício atualmente presidido por Lycurgo de Castro Santos Filho.

*

JÚLIO MEILI

Álvaro da Veiga Coimbra

Iniciamos hoje a série de palestras sobre os patronos da nossa Academia.

Coube-nos a primazia de fazê-lo, mas que nossas primeiras palavras sejam de homenagem à memória do nosso saudoso presidente, o senhor doutor Luís Arrobas Martins, o idealizador destas tertúlias acadêmicas.

À sua memória nos curvamos respeitosamente.

Qualquer ciência por limitada que pareça, exige hoje da parte de quem se lhe dedica tal soma de esforço intelectual, não só por causa da vastidão e complexidade dos fatos que a constituem, mas também pelas relações que, necessariamente, mantém com outras do mesmo grupo, que nos obriga a ficar sempre atentos, se quisermos estar a par do movimento do século.

A Numismática tem o seu lugar de honra ao lado da História e da Arqueologia, pelo muito que estas lhe devem, pelo auxílio que lhes foi dado em passos difíceis, ou em horas de triunfo. De fato. A Numismática, é dos ramos

mais importantes da heurística, e sendo a ciência das moedas, abrange, na sua vasta acepção, e estudo destes monumentos monetários não somente sob todos os seus aspectos, econômico, social ou metrológico, senão também sob os múltiplos pontos de vista da ciência histórica, de que é incomparável subsidiária, da mitologia, iconografia, epigrafia, história da arte, geografia, cronologia etc.

Sem o auxílio da Numismática, seria difícil, senão mesmo impossível o conhecimento da Antigüidade, pois ela reflete, de modo seguro, o caráter e as crenças dos povos, o seu gosto e desenvolvimento artístico, a fisionomia dos soberanos, formas de governo e as datas precisas da cronologia.

A Numismática é uma investigação especializada; no estreito círculo de uma moeda, nela sentimos o palpitar de épocas, civilizações, a visão de impérios, governos e ambições extintas. Nela, constatamos a existência de uma linguagem vazada no metal, linguagem que não é fria, nem estagnada, mas ao contrário é o despertar para uma curiosidade instintiva do espírito humano que é o aquilatar do Tempo. Vai ela buscar moedas e medalhas História adentro. Dedicando-se a desvendar a origem, a data e duração de seus exemplares, vale-se de fontes as mais diversas: consulta arquivos e tomos em que ninguém mais cogita, depara com documentos valiosos rendilhados pelas traças e sente que vai responder à Esfinge interrogadora postada no umbral do Passado, no apaixonante campo da investigação científica.

Cada época histórica tem a sua característica palmilhada pela ciência da numária e seus cultores; nessas pequenas peças de metal deformadas pela passagem dos séculos, vemos nos seus aversos e reversos o valor físico e a coragem distinguindo os homens, pondo-lhes na frente a auréola dos heróis; em outras, é a fé religiosa; nesta, a Arte recebe de todos os lados hosanas e louvores, coroas e hinos de triunfo; em outras ainda, acumulam-se as palmas verdes aos pés do vencedor que acaba de conquistar um mundo à força das armas.

Devemos os primeiros estudos das moedas antigas, a sua elaboração, aos eruditos da Renascença e aos que lhes seguiram nos séculos XVI e XVII, embora não constituam, todavia, um trabalho sistematizado.

Ao velho numismata português, por exemplo, tanto interessava o **real branco** ou o **soldo preto** de D. João I, quanto o **justo** e o **espadim** de D. Afonso V, o rei que não só se contentou em cunhar moeda, mas ainda criou em Portugal os títulos nobiliárquicos de marquês e visconde, aí introduzindo também o baronato.

Com a devoção idêntica à do velho colecionador lusitano pela numisma pátria, o colecionador brasileiro contemplava as célebres **obsidionais**

cunhadas em 1646 pelos holandeses nas suas aventuras bélicas e seus apuros em Pernambuco.

Desde cedo, pois, tiveram os velhos numismatas nos eruditos de tempo, a estimação que esse escol dedicava aos venerandos restos de um passado longínquo.

Na verdade, quanto mais o tempo avança e os homens vão aperfeiçoando os seus métodos de investigação, melhor se avalia do valor documental que as moedas representam para a História. Esta, vasta e infinita como o oceano, tem como ela os seus mergulhadores especializados e estranhos. É esse velho dinheiro classificado e reposto na sua época pelo numismata no decorrer de suas intensas e laboriosas pesquisas, que lhe permite escrever artigos e nótulas por si firmadas, dando uma relevante expansão à Numismática moderna.

Em confronto com a grande cópia de trabalhos estrangeiros sobre o assunto, paupérrima era a literatura numismática nacional.

Pouquíssimos foram com efeito, até o fim do século passado, os autores que se ocuparam com a numária pátria e aqui destacamos o nome de Julius Meile, o patrono de nossa cadeira na Academia Paulista de História que, como ninguém ignora, foi o verdadeiro criador de nossa numismática sistematizada.

Nascido em Hettingen, Cantão de Zurich, na Suíça, em 1839, veio para o Brasil em 1870, estabelecendo-se na Bahia como negociante, aí exercendo também as funções de cônsul de seu país natal.

Espírito investigador e inteligente, não se subordinava exclusivamente aos afazeres comerciais e consulares. O seu descanso era o trabalho paciente e rebuscado da grande paixão que sempre o tomou — a Numismática Brasileira — que tudo lhe deve.

Graças a sua grande fortuna e zelo, conseguiu reunir a maior e mais bela coleção de sua época.

No cenário numismático — econômico brasileiro, Julius Meile, verdadeiramente empolgado pelas coisas do Brasil, embora suíço de nascimento, estudou os assuntos por que se apaixonara com o mais alto critério e extraordinária probidade, daí ser cognominado o Mestre da nossa História Monetária.

Não há mais justa consagração do que esta, pois foi o primeiro que a desenrolou e esclareceu em muitos pontos, dando classificação lógica e racional à ciência da numária nacional, coligindo a mais farta cópia de documentos, notas e estatísticas preciosas.

Em 1 889, retirando-se da vida comercial, encetou a publicação de monografias descritivas da sua enorme e rica coleção, verdadeiramente monumental pela riqueza de informes e critério dos assuntos, bela pela iconografia, trabalhos acolhidos com o mais justo sentimento admirativo por quantos cultivam as coisas nacionais.

Suas obras intitulam-se: AS MOEDAS DA COLÔNIA DO BRASIL, de 1 645 a 1 822; AS MOEDAS DO BRASIL INDEPENDENTE, de 1 822 a 1 889 e o MEIO CIRCULANTE DO BRASIL, de 1 871 a 1 900, compreendendo cinco grandes volumes impressos em Zurich de 1 890 a 1 905, os quatro primeiros em alemão e o último em português, quando a morte o surpreendeu a 26 de setembro de 1 907, ao iniciar um trabalho sobre a medalhística do Império.

Nome eminente na galeria dos estrangeiros ilustres que ao Brasil serviram com a mais acendrada dedicação, embora não fosse filho desta terra, o seu nome imortalizou-se na História Numismática do Brasil que ele tanto soube amar.

Cercando seus relevantes serviços prestados à ciência da numária brasileira, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro concedeu-lhe o título de sócio honorário, o mesmo fazendo o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sendo-lhe ainda conferido pela Universidade de Zurich, o grau de Doutor em Filosofia.

Hoje, porém, só a ciência constitui nobreza verdadeira e na cruzada homérica entre o espírito que avança e às vezes retrocede, todo o homem deve cultivar esse valor, o mais justo predicado humano que lhe é dado possuir.

O saber não cessa de progredir. Há sempre quem descubra, a seu tempo, um elemento novo, que força a revisão dos problemas postos e a pesquisa de melhores soluções.

É o que nos compete fazer como membros da Academia Paulista de História. Não basta que ela exista; é preciso existir essa **razão**.

E se o fizermos, estaremos prestando ao estudo da História, nossa razão de ser, um serviço inestimável.

Que estas incursões ao Passado a que nos levarão os assuntos destas reuniões, quando reverenciamos nossos patronos da Academia Paulista de

História, concorram a tornar interessante para cada um de nós, o tempo Presente.

A Julius Meili, o mestre ilustre da numária brasileira e patrono da nossa cadeira, a nossa homenagem.

*

CAPISTRANO DE ABREU

Célio Debes

Diz-se de Capistrano que foi um mau colegial e um autodidata de mérito.

São duas afirmações verdadeiras que os três únicos ensaios biográficos a ele dedicados ressaltam e alguns detalham. Tem merecido destaque a anotação lançada no livro de matrículas do Seminário Episcopal do Ceará recomendando a seu pai “que o retirasse por algum tempo a fim de o emendar de sua preguiça e vadiação”. Em contraposição, se assinala seu apreço pela leitura, lazer que preferia aos folguedos. Sua trajetória pelas escolas, levou-o até os preparatórios para a Academia de Direito, empreendimento que o não empolgava. Mais empenhado em conhecer, em saber, do que em angariar títulos; rebelde às imposições que bitolavam o campo das indagações, reage às limitações dos currículos, ignorando-os, desestimando-os. Por isso, fracassa na busca, menos sua do que dos seus, de um lugar na Faculdade. A reação paterna vem na proporção da rusticidade do meio em que este vivia. Se não lograra êxito no Recife, seu lugar devia ser na faina diária do campo. A enxada passa a ser sua companheira, já que se não compatibilizara com os bancos escolares. A vicissitude, contudo, não o afasta dos livros, aos quais se entrega à noite, nas horas de repouso. Sua vocação se manifesta íntegra. Não almejava ser doutor, bastava-lhe ser douto, posto que sem presunção.

Do valor dessa dedicação à leitura, dá mostras ainda na adolescência. Vinculado aos integrantes do grupo a que se convencionou chamar “Academia Francesa” — e que, a par de estudar e discutir as obras de Comte, Darwin, Spencer e Littré, mantinha uma Escola Popular, “escola noturna destinada aos pobres e operários” (Capistrano de Abreu, **Ensaio e Estudos**, Rio, Sociedade Capistrano de Abreu, 1931. 1ª Série, pág. 118) — dá início à sua produção intelectual. O campo dessas primeiras incursões foi o da crítica lite-